

# Palocci ataca 'intolerável hipocrisia' dos ricos

Amr Nabil/AP

*Para ministro, países avançados são lentos em adotar as políticas que eles próprios pregam*

PAULO SOTERO  
Enviado especial

**D**UBAI – O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, disse ontem que o ritmo ainda “incerto e tímido da recuperação da economia global” deve-se à lentidão das grandes potências econômicas em resolver seus próprios problemas e acusou-as de manter práticas protecionistas que são, aos olhos das nações pobres, “uma intolerável hipocrisia”.

Num discurso ao Comitê Monetário e Financeiro Internacional em que mostrou o tom mais assertivo da política internacional do governo petista, Palocci afirmou que a causa das dúvidas que persistem sobre a recuperação da economia global é a falta de disposição das nações ricas para adotar as políticas que eles próprios pregam durante anos ao mundo em desenvolvimento. O passo vagaroso dos países avançados “em implementar as políticas há tempos recomendadas pelo FMI – apesar de seu poderio econômico, da ameaça de deflação e da deterioração de sua posição fiscal a longo prazo – é frustrante para quem, como eu, vem de um mundo em desenvolvimento que enfrenta altos níveis de injustiça social, desigualdade e muitas ineficiências, mas que, ainda assim, lutam para manter o curso de um desenvolvimento econômico e social mais rápido, mais equitativo, sustentável e responsável”, disse Palocci.

Ele criticou picos tarifários de até 500%; tarifas específicas; tarifas altas para excedentes de cotas; escaladas tarifárias, subsídios à soja que correspondem à proteção efetiva de 80%; e o total de US\$ 235 bilhões em subsídios (ou US\$ 315 bilhões incluindo subsídio ao consumo e indiretos) que agricultores de países ricos receberam anualmente de 2000 a 2002.

Fontes bem informadas disseram que a veemência do discurso de Palocci sobre comércio foi calculada não apenas para reafirmar a mensagem do governo às platéias externas como para proteger e preservar seu espaço nas discussões internas sobre política comercial, especialmente com o Ministério das Relações Exteriores, onde há influentes adversários do modelo exportador de crescimento que orienta a política econômica. Nas discussões internas sobre a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), Palocci e os ministros da Agricultura, Roberto Rodrigues, e do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, aliaram-se na Câmara de Comércio Exterior contra o Itamaraty, que defendeu inicialmente a revisão do calendário de apresentação de ofertas de liberalização negociado pelo governo anterior.

Com o Itamaraty fortalecido pela vitória que o chanceler Celso Amorim garantiu ao articular uma frente de países em desenvolvimento para impedir a adoção de uma agenda desfavorável aos interesses brasileiros na reunião da Organização Mundial de Comércio (OMC), Palocci foi incisivo em Dubai, em parte para reafirmar sua autoridade na discussão interna.

**Abertura maior** – Ele voltou ao assunto num seminário do Instituto de Finanças Internacionais (IIF, na sigla em inglês) – uma associação dos grandes bancos internacionais – no qual deixou claro que a diminuição da vulnerabilidade causada pelo alto endividamento externo do País passa pelo aumento da participação no comércio mundial. “O aumento do volume de comércio permitirá a diminuição do risco Brasil, além de reduzir a volatilidade do câmbio aos choques externos”, disse Palocci. “É por isso que temos dito que uma política econômica se caracteriza pela serenidade e persistência no plano macroeconômico, pela criatividade no plano de desenvolvimento e pela ousadia no comércio ex-



Maquete de Dubai: diferenças entre ricos e pobres, tema central em Cancún, voltaram ao debate

terior.” Na sexta-feira, ele dissera que suas críticas ao protecionismo valem também dentro de casa. “Não sou protecionista e acho que a abertura comercial é saudável, que os países em desenvolvimento ganham com ela e que o Brasil ganhará se aumentar o volume de comércio, tanto das exportações como das importações”. Mas “é preciso abertura dos dois lados.”

Em seu discurso no Fundo, Palocci disse que a maior frustração das nações pobres com as ricas está na questão da liberalização do comércio e na busca para aumentar o acesso de suas exportações.

Palocci atacou fortemente a política da área do euro. Segundo ele, os países da União Européia “têm um longo caminho

a percorrer para liberar o comércio e fazer reformas para aumentar a flexibilidade dos mercados de trabalho e as taxas de participação”. Ele enfatizou que “a correção das distorções mais destacadas embutidas na Política Agrícola Comum (da UE) permanecem como prioridade para a região”.

Antecipando parte da mensagem do discurso que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fará amanhã na abertura da assembléia geral das Na-

ções Unidas, Palocci disse que a comunidade internacional precisa dar prioridade “à eliminação dos subsídios distorcivos ao comércio, picos tarifários, cotas, e outras práticas protecionistas que ameaçam o sistema mundial de comércio, especialmente na agricultura e em outras exportações intensivas em trabalho nas quais os países em desenvolvimento conquistaram a duras penas vantagem competitiva”.

“Essas práticas são injustas para os consumidores e os contribuintes dos países industrializados e são percebidas como uma intolerável hipocrisia para os cidadãos pobres do mundo em desenvolvimento, os quais, depois de terem ouvido a pregação (dos ricos) e terem aceitado a necessidade de fazer sacrifícios para aumentar sua produtividade, vêem os ganhos prejudicados pelo protecionismo”.

Palocci criticou a deterioração fiscal nos EUA, a vulnerabilidade financeira japonesa e a falta de flexibilidade do mercado de trabalho na Europa. (Colaborou Fernando Dantas)



**O aumento do volume do comércio permitirá a diminuição do risco Brasil**

Ministro Antônio Palocci